



**ST5. HISTÓRIA E IMPRENSA A CULTURA E A POLITICA NO BRASIL DO SÉCULO XX**

288

**NAS PÁGINAS DO DIÁRIO DA BORBOREMA: CAMPINA GRANDE COMEMORA O SESQUICENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL**

*Roberta Gerciane Viana de Araújo<sup>1</sup>*

*Orientador: Dr. Luciano Mendonça de Lima<sup>2</sup>*

**Resumo:** O presente trabalho visa compreender como se geriram as comemorações alusivas aos 150 anos de independência do Brasil na cidade de Campina Grande/PB. Para tanto, pretende-se analisar notícias publicadas pelo jornal “Diário da Borborema”, correspondentes aos meses de Abril à Setembro de 1972, que fazem menção a organização e realização de tal festividade durante a “Semana da Pátria” na cidade paraibana. Tal momento foi comemorado em todo o país, e através da propaganda, serviu como uma espécie de véu para encobrir atos autoritários do governo Médici e o desvio da atenção da população dos chamados “anos de chumbo”.

**Palavras-chave:** Sesquicentenário. Diário da Borborema. Campina Grande.

Mediante a intensidade perpassada por todo o contexto ditatorial brasileiro durante seus 21 anos de “história”, há de se buscar neste trabalho algumas especificidades dentre tantas que estiveram presentes em tal período (1964 – 1985), a fim de trazer a tona, “novos” elementos de estudo sobre a ditadura militar em âmbito nacional e local. Marcos Napolitano (2014, p. 10), destaca que “o golpe foi o resultado de uma profunda divisão na sociedade brasileira, marcada pelo embate de projetos distintos de país, os quais faziam leituras diferenciadas do que deveria ser o processo de modernização e de reformas sociais”.

Logo após o golpe em 1964, alguns setores como a classe política civil que havia apoiado e dado suporte a tomada do poder, entenderam que não teriam espaço no regime que estava sendo implantado, quando alguns membros da classe civil tiveram seus direitos políticos cassados, deixando transparecer a verdadeira face dos militares que foram com a chegada ao poder, demonstrando suas reais intenções, de forma autoritária e repressiva. Mais autoritária e repressiva ainda com os seus opositores, sejam do meio político, sejam da sociedade civil.

Sob o governo de Pedro Gondim, a articulação do golpe na Paraíba:

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Licenciatura em História pela Universidade Federal de Campina Grande (UFPG);

<sup>2</sup> Doutor em História pela UFPE e professor adjunto da UAHis da UFPG;

contou com a participação conjunta dos setores civis e militares, membros da UDN, do PSD e jornalistas. Nada indica que o Governo do Estado tenha tido alguma participação na conspiração golpista, apesar da sintonia de interesses e de ação que já vinha se manifestando entre o governador e a guarnição federal da Paraíba. O mais provável, é que ele tenha sido tomado de surpresa. Além disso, também não tinha uma posição definida, nem tampouco homogênea, a ser assumida. Pois parte do seu secretariado defendia o rompimento com o Governo Federal e a adesão imediata ao golpe; e outra parte pretendia a adoção de uma posição em apoio a João Goulart. (NUNES, 2009, p. 9)

O período militar trouxe à tona o envolvimento de muitos “atores”, como estudiosos e intelectuais, que refletiram acerca dos acontecimentos da época, ajudando a construir um olhar crítico sobre a ditadura e seus diversos momentos, como, por exemplo, o milagre econômico, a repressão e a efervescência cultural.

Marcos Napolitano destaca que:

A economia cresceu, alçando o país a oitavo PIB mundial. Mas, igualmente, cresceram a desigualdade e a violência do Estado. A vida cultural passou por um processo de mercantilização, o que não impediu o florescimento de uma rica cultura de esquerda, crítica ao regime. Os movimentos sociais, vigiados e reprimidos conforme a lógica da “segurança nacional”, não desapareceram. Muito pelo contrário, tornaram-se mais diversos e complexos, expressão de uma sociedade que não ficou completamente passiva diante do autoritarismo. (2014, p. 8)

O regime militar encontrou grande oposição também no movimento estudantil, movimento operário, dentre outros que viam no novo governo a face da censura e da não aceitação de opiniões que divergissem dos seus “planos”. Na Paraíba, no âmbito da sociedade civil, segundo Nunes (2009, p. 11) “se destacaram a luta por transformações sociais, entre outros, a Associação Paraibana de Imprensa (API), o movimento sindical, o movimento estudantil e, principalmente, o movimento camponês, através das Ligas Camponesas.”

É importante frisar, apesar de todo esse momento conturbado pelo qual o Brasil passava muitos estados e cidades não se abalaram com a implantação do novo regime. A exemplo de Campina Grande, no momento inicial da ditadura, muitas cidades não tinham a dimensão do que estava ocorrendo realmente e nem imaginavam as proporções que o poderio militar poderia alcançar.

O golpe militar, a princípio, não causou grande alvoroço em Campina Grande; pode-se afirmar que foi recebido até com certa indiferença tanto pela população, como pela maioria dos políticos. [...] A leitura que se fazia do movimento, era a mesma que predominava em quase todo o país, ou seja, tratava-se de um golpe preventivo contra o extremismo de esquerda e que, muito em breve, a situação seria normalizada. (grifo nosso) Baseados nessa análise e dada a situação de tranquilidade política e de crescimento econômico, vivenciado pelo município, as autoridades locais tinham certeza de que a cidade e seus projetos não seriam atingidos pelo golpe. (LIMA, 2012, p. 107)

Busca-se compreender aqui, de forma mais específica, como se geriram as comemorações alusivas aos 150 anos de independência do Brasil na cidade de Campina Grande – Paraíba, fazendo menção a organização e realização de tal festividade durante a “Semana da Pátria” no decorrer do ano de 1972. Tal momento foi comemorado em todo o país, e através da propaganda, serviu como uma espécie de véu para encobrir atos autoritários do governo do General Emílio Garrastazu Médici, como também, do poder local, traçando certo desvio da atenção da população dos chamados “anos de chumbo”.

Sob o segundo mandato do general Médici, o Brasil (pelo menos a elite brasileira) vinha “vivenciando” o tão aclamado “Milagre Econômico”. Em fins de 1971, o então presidente faz um discurso dirigindo-se ao país, onde propaga a imagem de uma nação cada vez mais forte e potente, e que se tornava o país do presente. Era então preciso comemorar esse momento, e foi exatamente o ano de 1972, ano dos 150 anos de independência do Brasil, que tudo se desenrolaria. Como anuncia Médici em seu discurso datado de 31 de dezembro de 1971, transmitido em rede nacional de rádio e televisão:

A Nação tem hoje a tranquila consciência de sua grandeza, em termos realistas, possíveis e viáveis. Temos agora a certeza de que o eterno país do futuro se transformou, afinal, no país do presente. Assim conscientes do que somos e do que esperamos ser, encerramos 1971 e começamos o ano do Sesquicentenário. (MÉDICI, p. 76/77)<sup>3</sup>

Tal 1972 se consagraria como o ano-cívico, ano das festividades em torno do sesquicentenário da independência do Brasil, não obstante a isso, é preciso estar atento para como tal comemoração foi utilizada como ferramenta de “popularização” do então governo militar e de sua legitimação simbólica, que propagava uma “aproximação” com a população. E como todo este leque de relações, tentou encobrir a fase mais sangrenta do regime militar durante o governo Médici (1969-1974) e a forte repressão aos seus opositores.

Como aponta Carlos Fico (1997, p. 110), “Uma característica que marcou a propaganda política do regime militar foi sua coincidência com uma fase de franca modernização dos meios de comunicação de massa no Brasil”. A articulação golpista tinha na imprensa o grande apoio para propagação de uma imagem diferenciada da realidade e foi com este apoio que conseguiu “encobrir” muitas de suas atitudes repressoras, demonstrando uma imagem branda de seu poderio no país. Canais de comunicação estavam voltados para transmitir o ideário de que a economia imposta ao Brasil pela ditadura correspondia e atendia aos interesses “nacionais” e não de grupos privilegiados como era o que ocorria. E dentre os governos militares, o período do General Médici foi o que obteve mais destaque quanto a repressão policial e política e a forte propaganda ideológica através da AERP<sup>4</sup>, com a TV, rádio, jornais, revistas entre outros meios.

A AERP se tornou, ao longo da década de 70, uma das maiores anunciantes da mídia brasileira e, portanto, um dos principais clientes dos setores vinculados a essa atividade econômica (agências de publicidade, laboratórios cinematográficos etc). Todavia, a ênfase de suas campanhas repousava na televisão, no cinema, na imagem em movimento, enfim. O rádio e a mídia impressa tiveram papel secundário na propaganda desenvolvida por aquele órgão oficial. (ALMEIDA, 2013, p. 64)

<sup>3</sup> Nosso Caminho. Biblioteca da Presidência da República. 31 de dezembro 1971.

<sup>4</sup> Assessoria Especial de Relações Públicas;

Foi criada posteriormente a CEC<sup>5</sup>, com a tarefa de preparar as festividades oficiais para o evento do sesquicentenário, sob presidência de Antônio Jorge Correia. Todos os estados tinham uma Comissão Executiva encarregada pelos preparos a nível local e também os encontros cívicos em suas regiões.

Os primeiros meses de 1972 foram de preparação para as festividades do sesquicentenário. A grandiosidade da festa, iniciada em 21 de abril e encerrada em 07 de setembro, foi de ampla cobertura por todo o país e assim também no estado da Paraíba e em muitas de suas cidades como Campina Grande. Como apontado em discurso do general Médici na solenidade de abertura, “Reunidos, nesta mesma hora, em milhares de encontros, *por todas as cidades e todos os povoados do Brasil*, para colocar no alto, de por do sol a por do sol, a bandeira de nossa pátria [...]”<sup>6</sup>

As comemorações alusivas ao sesquicentenário chamaram toda a atenção para sua construção, inclusive com a participação do povo, integrando-os ao todo social e agregando uma imagem mais popular da festa que de certa forma era uma comemoração ao regime militar e ao período de alta econômica. Foram cinco meses inteiros de festas nos quais a ditadura se colocou “simpática” ao povo brasileiro, festejando sua história, e principalmente, o presente e os planos futuros.

A chegada dos despojos de D. Pedro I, vindos de Portugal, para enfim ser “devolvido” a pátria que o mesmo adotou, em 21 de abril<sup>7</sup>, marcou a abertura das festividades oficiais em comemoração aos 150 anos de independência. Os encontros cívicos em abril e toda a peregrinação dos despojos de D. Pedro I, por todas as capitais da federação, seguida de sua inumação no Museu do Ipiranga (São Paulo) em setembro, foram os dois acontecimentos mais marcantes de uma festa, que teve como característica, a multiplicação de eventos comemorativos ao longo de todo o ano de 1972.

Eventos grandiosos combinados à mobilização de caráter regional, municipal ou mesmo escolar, além das inúmeras pequenas cerimônias oficiais, envolvendo os círculos governamentais ou ainda aquelas que reuniam a comunidade acadêmica, associações de bairro, esportivas e religiosas permitiram que os festejos se impregnassem de maneira muito forte ao cotidiano das pessoas. [...] Tudo remetia à ideia de que havia algo para se festejar. (CORDEIRO, 2011, p. 3)

Mediante toda essa áurea que estava sendo gestada no país com a empolgação em torno das festividades do sesquicentenário, é importante analisar como se deu tal comemoração no município de Campina Grande, utilizando-se do jornal Diário da Borborema e a veiculação de notícias pertinentes a tal momento.

Não diferentemente, a Paraíba também passou por esta articulação entre mídia e governo militar, através dos jornais em circulação na época. Assim, tomamos como base a utilização do jornal Diário da Borborema, pertencente aos Diários Associados, de propriedade de Assis Chateaubriand, com circulação em Campina Grande, a partir de 02 de outubro de 1957.

Através de suas notícias, O Diário da Borborema foi ao longo de sua história evidenciando o potencial de Campina Grande, destacando a vida dos habitantes e o rápido crescimento de “uma aldeia que virou metrópole”.<sup>8</sup>

<sup>5</sup> Comissão Executiva Central, criada pelo decreto 69.922, de 13 de janeiro de 1972;

<sup>6</sup> O grande ato. Biblioteca da Presidência da República. 21 de abril 1972.

<sup>7</sup> Estrategicamente no dia de Tiradentes, em forma de elevar a figura dos “heróis nacionais”;

<sup>8</sup> Capa do Diário da Borborema, de 11 de outubro de 1964, trazia o título “Campina Grande em cem anos: uma aldeia que se fez metrópole”, demonstrando os anseios de progresso da cidade que crescia rapidamente.

Nos textos, entre eles artigos, editoriais e matérias, o DB utilizava, de forma recorrente, da ideia de progresso, “euforia de desenvolvimento”, comparava o município a “um centro urbano”, tudo ligado à noção de que a cidade estava sempre em movimento, em processo de modernização, associada à fantasia promissora do progresso. (FERNANDES, 2011, p. 6)

E com o sesquicentenário não fora diferente. O DB traz cerca de 15 notícias, entre notas e imagens, ligadas a tal festividade em Campina Grande, que demonstram uma postura de olhar progressista sobre a cidade e sua capacidade de comemorar uma festa tão grandiosa que estava acontecendo em todo território nacional.

Em âmbito nacional, como bem destaca Almeida (2012, p. 320), “foram poucas as críticas publicadas aos festejos do sesquicentenário: além de Alceu Amoroso Lima<sup>9</sup> e de *O Pasquim*<sup>10</sup>, praticamente houve unanimidade entre os diversos setores da mídia em torno das comemorações oficiais”. No caso da Paraíba, não se tem vestígios de críticas que chegaram a ser publicadas contra as comemorações em si.

Mediante a pesquisa realizada nos arquivos digitalizados do DB, constatou-se a primeira notícia relativa as comemorações do sesquicentenário, datada de 19 de abril de 1972, com o título “Entidades de classe presentes às festas do Sesquicentenário” e texto “A Federação das Indústrias do Estado da Paraíba, a Associação Comercial e o Clube dos Diretores Lojistas de Campina Grande também tomarão parte ativa nas comemorações do sesquicentenário da independência.” (Diário da Borborema, 19 de abril de 1972, p. 1). Ao longo das publicações do periódico, observou-se várias notícias deste cunho, relatando a presença de entidades de classes, clubes de serviço (como o Lions, o Rotary e a casa da Amizade), de segmentos como os Radiotécnicos e como também Igrejas, que fizeram algum tipo de homenagem em relação a festividade.

Foram programados desfiles para o dia 21 de abril, data da abertura oficial dos festejos aos 150 anos de independência do Brasil em Campina Grande. “O desfile de colégios oficiais e particulares, amanhã, pelas principais ruas da cidade, em homenagem às festividades do sesquicentenário da independência, terá início às 9 horas [...]”. (Diário da Borborema, 20 de abril de 1972, p. 3)

Há uma imagem do desfile ocorrido no dia 21 de abril de dois irmãos gêmeos fardados de policiais que demonstram bem a seriedade daquele desfile cívico. A legenda é bastante clara para o entender da imagem:

Serenos e imperturbáveis os gêmeos Mário Júnior e Lindon Jonhson, de 4 anos, “patrulharam” o desfile matinal do sesquicentenário que atraiu para as ruas centrais estudantes e povo. Desfilaram 21 colégios, com 3.150 alunos e 507 instrumentos de banda marcial. Os 130 soldados que atuaram nos cordões de isolamento foram insuficientes para evitar a destruição dos novos canteiros. “Foi uma festa de impressionante civismo” disse um popular ao DB. (Diário da Borborema, 23 de abril de 1972, p. 1)

Passados esses dias iniciais das comemorações, voltaria a se ter notícias no mês de julho, quando a urna com os despojos de D. Pedro I ficou exposta à visitação em João Pessoa.

<sup>9</sup> Crítico literário nascido em Petrópolis/RJ. Destacou-se no combate ao Regime Militar;

<sup>10</sup> Periódico alternativo brasileiro, reconhecido pelo diálogo entre o cenário da contracultura da década de 1960 e por seu papel de oposição ao Regime Militar;

O povo em grande número, chegou a invadir a área do aeroporto, destinada às autoridades, aglomerando-se inclusive em volta da aeronave. Calcula-se em mais de cinco mil pessoas, presentes no Castro Pinto, dentre as quais destacavam-se estudantes fardados, de colégios e grupos escolares de Bayeux, Santa Rita e Sapé. (Diário da Borborema, 06 de julho de 1972, p.1)

Em notícia intitulada “Comemorações Gloriosas”, se observa toda a exaltação dada ao sesquicentenário e a importância em se comemorar a independência do país:

O ano de 1972 que estamos vendo transcórrer, vem sendo assinalado por uma série de comemorações gloriosas da história política e cultural do Brasil. A maior de todas, sem dúvida, é a comemoração do sesquicentenário da independência, acontecimento que estamos celebrando com todo fervor cívico, desde o primeiro dia do ano, lembrando o grito heroico do Ipiranga, que nos conferiu o direito de nos constituirmos como nação livre, libertando-nos do jugo da côroa lusitana. (Diário da Borborema, 09 de julho de 1972, p.2)

Com a aproximação da chamada “Semana da Pátria” em setembro, as notícias foram ficando mais recorrentes. Eram notícias que exaltavam a figura de D. Pedro enquanto herói nacional da libertação, e a organização das escolas e entidades militares e políticas para o desfile cívico de 7 de setembro.

Após o desfile e toda a euforia em se comemorar tal data, o DB ainda passou alguns dias posteriores falando do sucesso e do grande evento que fora a “Semana da Pátria” em Campina Grande. Em notícia do dia 9 de setembro, intitulada “Quatro mil estudantes desfilaram homenageando o sesquicentenário”, o jornal relata como foi o momento do desfile:

Com um desfile cívico militar, com a participação de quase quatro mil estudantes, representantes militares, além de diversas outras solenidades foi comemorado a passagem dos 150 anos de independência do Brasil, numa festa que reuniu milhares e milhares de pessoas às margens do Açude Velho, nas proximidades da Praça do Sesquicentenário. Presentes as mais altas autoridades de Campina Grande e representantes do Governo do Estado. (Diário da Borborema, 10 de setembro de 1972, p.2)

E mais ainda a exaltação a cidade de Campina Grande, tão à frente de seu tempo e que se destacava em diversas áreas, também era alçada por sua postura de “grande” e “moderna”.

Ontem como hoje e sempre Campina é uma prova contundente de elevado fervor patriótico. Os jovens de hoje, vale a pena repetir o chavão, são o esteio dos homens de amanhã. É bom que seja assim, é bom que os jovens campinenses sempre se mostrem, como se mostraram no dia 7, altivos e altaneiros, confiantes e serenos, nas datas magnas de nossa História [...]. (Diário da Borborema, 10 de setembro de 1972, p.2)

Partindo assim do breve texto exposto neste artigo e das notícias que foram expostas, podemos assimilar que Campina Grande também esteve presente de forma ativa nas comemorações do sesquicentenário, que envolveu muitas outras cidades da Paraíba, como João Pessoa, Areia, Guarabira, Patos, entre outras. De forma geral, a

programação referente a festividade era similar em todo o país, com encontros cívicos e homenagens, que marcaram os cinco meses da festa.

As notícias do DB serviram como base para expormos o contexto da festa em Campina Grande e na Paraíba, como tudo se desenrolou e como se deu a participação da sociedade civil, do governo e dos militares em sua organização e realização. Percebemos que o jornal em questão não fez nenhuma crítica aos festejos, sempre exaltando as comemorações e o fato do estado e da cidade estarem participando e promovendo um evento que ocorria em âmbito nacional e que chamou a atenção da população através da propaganda e fazendo com que a áurea pesada que sentia-se com os “anos de chumbo” fosse encoberta e evidencia-se um governo militar “simpático” e parceiro do povo, afim de comemorar uma data tão marcante para o país.

## **FONTES:**

- Diário da Borborema, 1972;

## **REFERÊNCIAS**

ALMEIDA, Adjovanes Thadeu Silva de. *O regime militar em festa*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2013. 356 p.

CORDEIRO, Janaína Martins. *As comemorações do Sesquicentenário da Independência em 1972: uma festa esquecida?* In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26. 2011, São Paulo. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História. São Paulo: ANPUH, 2011. CD-ROM.

FERNANDES, Silvana Torquato. *Modernização em Campina Grande nas páginas do Diário da Borborema*. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26. 2011, São Paulo. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História. São Paulo: ANPUH, 2011. CD-ROM.

FICO, Carlos. *Reinventando o otimismo: ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil* – Rio de Janeiro: Editora Fundação Getulio Vargas, 1997. 200p.

LIMA, Damião. *Campina Grande sob intervenção: a ditadura de 1964 e o fim do sonho regional/desenvolvimentista*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2012.

MARTINS, Ricardo Constante. *Ditadura Militar e Propaganda Política: A revista Manchete durante o governo Médici*. São Carlos, 1999. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Ciência Política, UFSCar.

NAPOLITANO, Marcos. *1964: História do Regime Militar Brasileiro* – 1. ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2014.

NUNES, Paulo Giovanni Antonino. *Os movimentos sociais, o governo Pedro Gondim e o golpe civil-militar na Paraíba*. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 25, 2009, Fortaleza. Anais do XXV Simpósio Nacional de História – História e Ética. Fortaleza: ANPUH, 2009. CD-ROM.